

Freud, loucura e Shakespeare: *o adventum da tempestade!*

Ana Luiza Neuenfeldt¹

Ana Paula Perozzo²

Claudio Roberto Wenzel de Carvalho³

Luciana Salgado Firpo⁴

Leonardo Francischelli⁵

Viviane Leal Pickering⁶

A arte encenando a vida, a vida encenando a arte...

Partimos da prática clínica do Serviço das Psicoses no CEP de PA/Serra, da metáfora na qual a psicose se apresenta a nós como se fosse uma tempestade com suas turbulências e devastações psíquicas. Desse modo, procuramos tecer ideias, da vida, das artes, na tentativa de abrigar a loucura (psicose) que também se manifesta a céu aberto em sua dimensão atemporal. Entendemos que a loucura tem seu lugar na cultura e nas subjetivações desde os primórdios do humano. Jaques Lacan corrobora nossa posição quando afirma que “o ser do homem não pode ser compreendido sem sua loucura, assim como não seria o ser do homem se não trouxesse em si a loucura com limites de sua liberdade.” (LACAN, 1946, p. 177).

1 Psicanalista, Membro Efetivo CEPdePA/Serra.

2 Psicanalista, Membro Associado CEPdePA/Serra.

3 Psicanalista, Membro Efetivo CEPdePA/Serra.

4 Psicanalista, Membro Efetivo CEPdePA/Serra.

5 Psicanalista, Membro Fundador CEPdePA/Serra.

6 Psicanalista em formação na Escola de Psicanálise do CEPdePA/Serra.

ATO I, CENA 1, SHAKESPEARE, REI LEAR, 1606

Salão nobre do palácio do Rei Lear

Lear: “Um mapa! Ficai sabendo, assim, que dividimos nosso reino em três partes, sendo nossa firme intenção livrar-nos na velhice, dos cuidados, bem como dos negócios, para confiá-los a filhas, dissei-me qual de vós mais amor nos tem deveras, porque alargar possamos nossa dádiva onde contente o amor e o mérito. Fale primeiro Goneril nossa filha mais velha.”

Por aí, com o Rei Lear e suas três filhas, Goneril, Regane e Cordélia, inicia uma das tragédias maiores de Shakespeare. Para alguns, uma das mais formidáveis obras desse dramaturgo, um drama do amor e do poder.

ATO II, CENA 1, FREUD, O TEMA DA ESCOLHA DO COFRINHO (DAS MOTIV DER KÄSTCHENWAHL), 1913

Bergasse 19, Viena

Freud: “Duas cenas de Shakespeare, uma divertida outra trágica, deram-me recentemente a oportunidade de colocar e resolver um pequeno problema. A cena divertida é a escolha entre os três cofrinhos, feita pelos pretendentes em o Mercador de Veneza. A bela e sábia Pórcia acha-se obrigada, pela vontade de seu pai, a tomar por esposo somente aquele, entre os candidatos à sua mão, que escolher o cofrinho certo.”

A cena trágica vem de Rei Lear, que quer dividir seu reino entre suas três filhas conforme a medida do amor que cada uma demonstrar por ele.

Freud: “As duas mais velhas, Goneril e Regane, desfazem-se em juras e protestos de amor, e a terceira Cordélia recusa-se a fazê-lo. Ele deveria reconhecer e recompensar esse amor discreto e mudo, mas não o percebe; rechaça Cordélia e divide o reino entre as duas outras, para desgraça sua e de todos.”

No final do texto, diz Freud “mas é em vão que o velho ambiciona o amor da mulher, tal como primeiramente recebeu da mãe; apenas a terceira criatura do Destino, a silenciosa deusa da morte, o tomará em seus braços”. Freud escreve esse texto meses antes do início da tempestade que assolaria a Europa por quatro anos, a Primeira Guerra Mundial.

ATO III, CENA 1, CAROLINA, NOS TEUS OLHOS FUNDOS GUARDA TANTA DOR, 2014

Sala de espera da Clínica Psicanalítica do CEP, Porto Alegre

Analista: “Recebo uma moça acompanhada pela mãe. Tem um ar infantil, obesa, parecia não ter forças, presa no tempo. Parece surpresa ao se perceber a sós na sala comigo. Conta das crises de agitação e das alucinações; desde moça tinha passado por vários atendimentos psicológicos e psiquiátricos. Está com 31 anos. Passa os dias em casa com a mãe. Conta da sua saúde frágil, tendo úlcera, diabetes e problemas respiratórios, parece que só sai de casa para ir a médicos. Tem uma irmã gêmea e um irmão dois anos mais velho. Dorme com a mãe. Parece carregar a loucura familiar.”

Diz a analista que, diante da iminência de encarar a tempestade, lembra-se de Chico: *Carolina, nos teus olhos fundos, guarda tanta dor, a dor de todo este mundo...*

Lá fora amor, uma rosa nasceu, todo mundo sambou, uma estrela caiu; eu bem que mostrei sorrindo pela janela, ói que lindo, mas Carolina não viu...

Iniciamos com o Ato, ou melhor, três Atos, com mais de 400 anos de verbo entre eles, para termos o *adventum* da loucura em uma sala de análise de nossa clínica.

Ainda que contemos com diferenças temporais muito marcantes nessas diferentes ficções, que parecem vencer o tempo através de elementos comuns como o número 3, e já dizia Freud: “A natureza sagrada do número 3”.

Nesse *adventum* de sujeitos, nunca sabemos quem está chegando. Um Rei? Uma Cordélia? Uma Carolina? Será chuva ou tempestade? Condensando o tempo desses 400 anos, pensamos o que significa estar implicado em um sintoma psicótico, nessa tempestade atemporal. A loucura de Lear chega com a tempestade na floresta. Freud nos ilumina o caminho para lidar com a tempestade da loucura, que, quando chega, trazendo a angústia, desorganiza a experiência de tempo e espaço, desmantelando o sistema de representações mentais.

Hoje o Serviço das Psicoses do CEP, quando atende Carolina em seus consultórios, vence as temporalidades, ou seja, na simplicidade dos consultórios da Instituição, o tempo de hoje iguala-se ao tempo de ontem.

Atravessar a tempestade de significantes, com esses protagonistas, tentando entender a outra cena, cena onde talvez esteja Édipo? Narciso? Outra lógica? Cena onde não está presente o retorno do recaiado, e sim o foraiado? Estar junto nessa tempestade, atendendo a esses personagens que estão em limites psíquicos severos, impõe também ao analista um trabalho que envolve familiares, amigos, instituições e muitas vezes outros profissionais, e talvez o desafio maior de lidar com uma transferência, que estes sujeitos estabelecem com o analista, que não é simbólica, mas real, sem mediação.

Voltamos no Ato III, Carolina, onde contamos com a presença materna forte. Ela é o centro da família. Dela nascem as decisões, ainda que não verbalizadas, enquanto que no “Rei Lear” não aparece entre os personagens ninguém nesse lugar materno.

Lembramo-nos de um querido supervisor de alguém do SPP, que dizia: mãe é como, Deus está em toda parte. Porém, a verdade é que de fato ela não se encontra nas duas obras de Shakespeare. Então, vamos explorar o papel da mãe no advento da loucura humana. E nossa Carolina, que é a do Chico, vai ser nossa estrela guia. Seria impossível ignorar a presença constante do número 3, por ser o número edípico. Esse também é um ponto importante à medida que entendemos que todos, independente do quadro patológico, passamos pelo caminho do Édipo; isso equivale a interrogar se Carolina encontrou o pai em seu percurso edípico, quando vinha de Narciso, sob os cuidados do Complexo de Castração.

Entretanto nossa tarefa aqui seria o de marcar a indeterminação temporal, visto que o sofrimento da Carolina advém do nosso e nasce em uma esteira familiar. Famílias como a do “Rei Lear” (Por que não?), posto que o poder e a riqueza continuem a nos acossar em nosso íntimo, assim como a morte, tema central de todas essas histórias.

Como trabalha o ser de palavra com a morte? Assim como o homem não come cru - negativista aos produtos da natureza, cozinhando todos os produtos -, ele também precisa “simbolizar” a morte. Onde estará a morte em Carolina? Esperamos que os detalhes de sua posição existencial na vida possam nos trazer esses argumentos.

REFERÊNCIAS

FREUD, S. (1913). O tema dos três escrínios. In: _____. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição Standard Brasileira, 12).

LACAN, J. (1946). **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SHAKESPEARE, W. **Rei Lear**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 1997.